

RECADO DE PARIS

Paris, agosto — Julien Benda continua (aos 83 anos) com sua bela veemência. Entre suas "Mémoires d'Intra-Tombe" publicadas em "la Nef", este último desejo: "E que ninguém me faça artigos necrológicos. Tendo sido durante toda a vida, objeto de ódio por parte de quase todos os críticos, não quero sofrer suas homenagens hipócritas pelo fato de estar morto".

Em uma nota sob o título: "Inteligência de mão única" explica: "Há uma coisa que jamais farei compreender aos detratores de minha "França Bisantina" — especialmente a esse cabeça de pau que é Jean Paulhan — é que o meu objetivo nessa obra (assim como em "Belphegor") não é estudar literatos, mas caracterizar, através do culto que lhes vota, a estética de uma sociedade; não é de ordem literária, é de ordem social. A cegueira deles vem do fato de que a sociedade não os interessa, mas unicamente os literatos, e apenas uma roda especial deles... os preocupados com o arranjo das palavras, não os que têm por objetivo falar à humanidade, com um Mauriac, um Romain, um Camus, um Mounier".

Um sonho de Benda: "Sempre sonhei uma publicação que declarasse em seu programa: "Não falaremos de atualidades que nos parecem puras tolices da hora presente, e que nos dão a impressão de que ninguém saberá mais nada a seu respeito dentro de vinte anos". Um tal órgão não teria falado, há vinte anos, de bergsonismo (como metafísica, não como psicologia); não falaria hoje do existencialismo, do surrealismo, da dialética materialista; em compensação, daria um imenso lugar à obra de Einstein, de Planck, de Louis de Broglie, e mesmo Meyerson, de Hamelin. Duvido que essa revista tivesse muito êxito."

Em seu "Panorama da Nova Literatura Francesa", Gaétan Picon, escrevendo sobre Benda, o campeão do racionalismo, refere-se "ao desejo que ele tem de não ser ouvido para poder continuar falando". E avança este comentário que deve deixar furioso (mas não demasiado) o velho escritor: "Seu gênio é um gênio de panfletário, e supõe a manutenção da ordem de coisas que ele denuncia. Seu temperamento é todo agressividade, violência, maldade saborosa. É um escritor de grande classe, robusto e puro. Mas o que faz o valor de Benda é precisamente o contrário do que ele ostenta e anuncia: é a paixão e não a lógica; o humor e não a serenidade; a pureza e o sabor da forma, e não o rigor e a importância do fundo. Não há literato mais autêntico que esse inimigo dos literatos".

15. 8. 50

R. B.